Título: Maternidade em contexto universitário: saúde integral, cuidado e práticas de justiça e saúde coletiva.

Eixo Temático: Maternidade e Saúde.

Proponente(s): Luciana Kelly Rodrigues da Silva (psilucianar@gmail.com), Mariana Karolline de Morais Souza (marianamoraispsi@gmail.com)

Instituição: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO.

Formato: Grupo de Trabalho (GT)

Modalidade: online.

Resumo: Este grupo de trabalho está sendo proposto por duas psicólogas, pesquisadoras da Unicap, sendo uma mulher negra, mãe, e uma mulher indígena. Pretendemos discutir os desafios enfrentados por mães universitárias no contexto do ensino superior, com ênfase nas vivências que atravessam gênero, raça e maternidade. A discussão parte do reconhecimento de que essas mulheres enfrentam uma dupla — ou até tripla — jornada: cuidar, estudar e, muitas vezes, trabalhar fora de casa. Essa sobrecarga emocional, física e simbólica impacta diretamente seu bem-estar e permanência nas instituições de ensino. Este GT parte da premissa de que a maternidade de mães universitárias é atravessada por injustiças estruturais, institucionais e sociais. Ao discutir perspectivas de cuidado e saúde mental, visionamos fortalecer estratégias pessoais e coletivas pautadas nas experiências de mães em contexto universitário. Ao adotar a escrevivência (Conceição Evaristo) como metodologia e epistemologia, o GT reconhece que as histórias pessoais das mães universitárias também representam formas de resistência e geração de conhecimento. Elas mostram o dia a dia de exclusões e silenciamentos que surgem da solidariedade feminina, da criação de redes de suporte e do fortalecimento de identidades coletivas. A escrevivência de Conceição Evaristo (2016) é caracterizada por vivências que refletem as experiências de vida e luta das mulheres negras nas camadas que permeiam cada realidade, ao considerar as múltiplas opressões enfrentadas por essas mulheres, pela experiência que é ao mesmo tempo pessoal e política, na busca de romper estruturas dominantes e criar um espaço de fala e representação. Não se pode entender a saúde mental dessas estudantes de forma isolada, mas sim em relação ao contexto social que gera sofrimento psíquico devido às desigualdades estruturais. Em uma sociedade que ainda vê o cuidado como uma responsabilidade exclusivamente feminina, a maternidade passa a ser um indicativo de vulnerabilidade. No caso das mães negras e indígenas, a experiência é atravessada pelo racismo institucional e pelas heranças históricas que associam seus corpos à servidão e à resistência, exigindo uma análise interseccional. A noção de interseccionalidade — perspectiva que considera diversas formas de discriminação, como gênero, raça e classe social, que não são vistas como caso isolado e que influenciam experiências de vida — proposta por Kimberlé Crenshaw (2013), é indispensável nesse debate. Temos como objetivos: promover o diálogo sobre as condições que afetam a saúde mental de mães universitárias, destacando as intersecções entre gênero, raça e classe; refletir sobre práticas de resistência e autocuidado baseadas nas escrevivências; fomentar a transversalização dialógica entre universidade, políticas públicas, movimentos sociais e

comunitários, coletivos maternos, fortalecendo redes de cuidado; valorizar os direitos e justiça reprodutiva para as mães universitárias, visando o combate à medicalização da maternidade; visibilizar políticas de saúde/adoecimento que asseguram ou vulnerabilizam mães universitárias. A relevância deste GT reside na urgência de repensar a universidade como espaço de cuidado e equidade, em que as trajetórias de mães — especialmente as mães negras e indígenas — sejam reconhecidas como legítimas, produtivas e necessárias à construção de uma academia plural. Falar sobre maternidade em contexto universitário: saúde integral, cuidado e práticas de justiça e saúde coletiva é, portanto, falar sobre direito à educação, dignidade e transformação social. Como também a proposta é relevante para contribuir para o debate sobre democratização e humanização do ensino superior, abordando uma dimensão frequente invisibilizada nas políticas institucionais. Além disso, ao dar importância às histórias de mães universitárias, entendemos que é fundamental reconhecer a força das escrevivências como meios de produção de conhecimento e resistência contra as desigualdades.